



Reconstruindo o passado de olho no futuro: a memória de Plínio Salgado sobre a Ação Integralista Brasileira

Vinícius da Silva Ramos

RESUMO:

O presente trabalho tem por intenção discutir algumas questões acerca do conceito de memória, enquanto dialoga com um estudo de caso sobre a atuação parlamentar de Plínio Salgado quando deputado pelo Partido de Representação Popular (PRP). Nossa tentativa será de mostrar como o antigo líder integralista mobilizou suas memórias para construir – ou pelo menos tentar – um consenso sobre a memória da Ação Integralista Brasileira (AIB) e de seus atos, na tribuna da Câmara Federal durante seus mandatos.

PALAVRAS-CHAVE: memória, direitas, integralismo.

INTRODUÇÃO:

Para tanto, mobilizaremos autores que tratam da memória e de sua relação com a História, como Joel Candau e Fernando Catroga, e outros que discutiram a vida política e intelectual de Plínio Salgado quando à frente da AIB. Sobre a memória construída, nos valeremos de alguns de seus discursos pronunciados na Câmara Federal e que foram publicados pela imprensa da capital federal. Nos parece importante tratar desse tema na medida em que o integralismo se mostrou um ator importante na cena política do Brasil na década de 1930, e seus continuadores, aglutinados em volta da pessoa de Salgado e do PRP, serviram de base de sustentação para a direita brasileira durante mais de três décadas, atuando até a ditadura civil-militar, sendo um dos maiores expoentes do anticomunismo, marca do período ditatorial brasileiro. Definidos os principais objetivos, podemos partir para a discussão sobre o conceito de memória e suas relações com a história e com os grupos sociais que a constroem.

I.

Segundo Joel Candau (2014), a princípio, qualquer ser humano que não possua uma patologia específica, possui uma memória. Uma faculdade de reconstrução de



eventos que se manifesta em diferentes níveis da mente. O autor distingue três manifestações diferentes da memória: a *protomemória*, que consiste nas interiorizações mais profundas da mente, algo que se aproxima de um “instinto”, aquilo que se aprende e não mais se abandona, tais como hábitos, técnicas, gestos, que penetram em nossas vidas de forma permanente. Uma segunda manifestação, que seria a *memória* propriamente dita, como a reconstrução básica de eventos através da mente, possibilidade de refazer um relato, saberes, informações e outras informações de “alto nível”. E por fim a *metamória*, “que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela (CANDAUI, 2014; p.23)”. Essa memória “reivindicada”, na qual há a maior chance de manipulações, é mais complexa que as outras duas, na medida em que se relaciona a memória com a identidade do sujeito, que faz com que reconstrua a si mesmo e a outros. Essa *metamória*, assim como a *memória*, se relaciona com outros sujeitos e grupos, e é a partir dessas relações que se constroem as identidades de grupos e indivíduos, ou seja a memória é um processo “relacional” (CATROGA, 2001).

Em nosso caso a *metamemória* é a manifestação que nos interessa, afinal é ela que produz relações e construções de identidade. Especificamente, nos discursos proferidos na Câmara dos deputados, Plínio Salgado não poderia reivindicar que integralistas tivessem o mesmo de andar e de comer, nem que se lembrassem dos mesmos eventos, mas poderia sim levantar hipóteses sobre a memória estabelecida sobre o grupo e pelo grupo. Essa memória já havia sido reivindicada pelos integralistas ainda na década de 1930 quando através do seu nacionalismo tentaram construir noções de identidade com o que seria a “raça pura” dos brasileiros, com os “caboclos”, ou seja, o jogo de rememoração e esquecimento já fazia parte da rotina da extrema-direita brasileira desde muito tempo. Ou seja, mais do que uma sucessão de eventos e acontecimentos, como datas e festas, a memória se constrói com aspectos positivos passados, o que Catroga chamou de “retenção afetiva e quente” (2001; p.20).

A existência de um mesmo fato pode gerar as mais diferentes narrativas, o que demonstra o quão complexo é o processo de construção de uma memória predominante, o que nos leva a considerar que não há nunca uma garantia específica que um relato corresponde verdadeiramente à realidade. Ou seja, a memória, em nosso caso a



metamemória é extremamente manipulável pelo compartilhamento dos relatos. Essa *metamemória* será alvo de disputas sobre quais relatos devem ser preservados, numa perspectiva mais crítica, essa memória seria basicamente formada pelos relatos escolhidos pelos mais poderosos do grupo em questão e repetidos pelos demais membros.

Entretanto, esta situação não gera a garantia de que haja uniformidade no discurso dentro de um determinado grupo. Mesmo as ideias concorrentes dentro do grupo, tanto quanto as críticas que esse grupo recebe são passíveis de se infiltrar no cotidiano deste. Assim existe a necessidade de manter sempre o discurso de uma memória comum, que deve ser partilhada pelos membros do grupo, seja uma memória de vitimização, ou de valorização do passado como no caso do PRP de Plínio Salgado. Um agrupamento político não é uma seita, o que permite com mais facilidade que haja fissuras dentro de seu discurso dominante, o que por várias vezes ocorreu dentro do movimento integralista, tanto em sua fase inicial, na década de 1930, quanto durante o período do PRP. Olbiano de Melo, Loureiro Júnior e o próprio Plínio Salgado disputaram e discutiram sobre as formas possíveis de organização e articulação política dentro do PRP e sobre a memória que existia sobre seu passado enquanto AIB (CALIL, 2005). Ou seja, a validade da hipótese de Candau (2014) pode ser testada num estudo de caso como esse, no qual percebemos como a memória foi sendo construída com as bases assentadas naquilo que foi deliberadamente esquecido pelo grupo que conseguiu consolidar sua visão sobre o grupo.

Essa espécie de memória “coletiva” se torna possível na medida em que temos uma cristalização de determinados feitos e heróis que são compartilhados por grande parte do grupo e que se tornam dominantes. Ou seja, quando falamos de memória “coletiva”, não nos referimos a uma suposta capacidade de todos os membros do grupo lembrarem-se da mesma coisa, mas sim da formação de uma mentalidade dominante, que funcione como um cimento do grupo, aquilo que os une, e isso logicamente passa pela história dessas pessoas. Aquilo que é lembrado, ou o que é esquecido faz parte da construção dessa memória. Os mártires da “Batalha da Praça da Sé”¹, os integralistas

¹ Confronto entre integralistas e membros da Frente Única Antifascista em São Paulo, em outubro de 1934, que resultou na morte de membros de ambos os grupos.



que se alistaram na Força Expedicionária Brasileira, o lançamento do manifesto de outubro, todos esses eventos e heróis funcionam como aglutinadores dessa memória. A conclusão de Candau é de que essas memórias “coletivas” funcionam de forma semelhante às memórias individuais, por meio de seleções e de discursos repetidos, também com sua dose de memórias recalçadas e combinadas.

Logo, a capacidade de articular essas diferentes memórias em torno de um projeto comum é o que dará a sua identidade, tanto de um sujeito, quanto de um grupo. É essa memória que dá sentido à trajetória desse grupo, o passado construindo as aspirações do grupo para o futuro. É através da construção dessa imagem que o grupo vai moldar suas atitudes frente aos novos desafios, ou seja, a memória será menos a compilação dos fatos passados e mais a projeção de um passado ideal, em nosso objeto específico, um passado guerreiro e valente, que não hesitou em se imolar pelo bem de seu projeto para o Brasil. Se a memória não agrada ao grupo, esta pode ser adornada para melhor se encaixar nas necessidades do momento. Os elogios a Mussolini e a Hitler foram facilmente esquecidos por Plínio Salgado no momento menos oportuno para as soluções autoritárias, como foi no Brasil entre 1945 e 1964, quando aspiramos estabelecer um período democrático, pelo menos do ponto de vista eleitoral.

Assim, o relato de uma história, seja através de um mito de criação, ou por um discurso numa tribuna parlamentar é um exercício de criação, onde o autor do relato vai reconstruir os fatos de acordo com as suas necessidades, ou seja, vai dar um sentido àquilo que no momento passado era apenas uma sequência de fatos que se acumulavam uns sobre os outros, dando o caráter normativo da memória. Esta serve tanto para lembrar quanto para dar sentido. A ideia do narrador é quase sempre criar uma perspectiva teleológica, onde o presente se coloca como um ponto alcançado através de estratégias de planejamento, o passado como eventos encadeados e o futuro como resultado lógico dessa soma. O ponto de partida e de chegada do relato são conhecidos de antemão pelo narrador, o que torna a rememoração extremamente problemática se não forem observadas minúcias quanto à análise da mesma, afinal ela pode se tornar “uma previsão ao contrário” (CATROGA, 2001; p. 21). O cuidado para o historiador nesse aspecto é fundamental. Assim, através do cruzamento das fontes históricas é possível reconstruir uma parte dos acontecimentos e compará-las com o discurso do



narrador, não tanto para dar credibilidade ao seu relato, ou para dizer se é “verdadeiro” ou “falso”, mas para tentar descobrir as intenções e explorar o contexto que levou o narrador a omitir estes ou aqueles fatos. Essa separação do que é dizível ou não é que esclarecerá aquelas lembranças que foram – ou tentaram ser – colocadas fora da identidade do grupo. Memórias que os envergonhem não participam da construção de sua identidade, pois não só de lembranças agradáveis vive uma pessoa, muito menos um grupo (CANDAUI, 2014).

Assim a identidade vai se construindo sobre as memórias positivas, ou “quentes”, que podem ajudar na coesão do grupo: uma vitória, um ato heróico, uma bandeira, todos esses são fatores positivos que servem de amálgama para essa identidade. A criação dessa memória e conseqüentemente da identidade do grupo passa pelo que o irradiador do relato projeta para o futuro, onde serão reproduzidas as relações que agradem ao mesmo. Na medida em que possuem ressonância dentro do grupo essas memórias vão se fortalecendo. O caráter negativo da construção dessa memória fica por conta do inimigo – no caso do grupo -, sendo esse um elemento fundamental para a construção dessa identidade. Como bem sublinhou Catroga (2001), a memória é relacional, e só possui sentido se construída com os suportes “materiais, sociais e simbólicos” (p.23). Assim, ter um rival, um adversário é deveras importante para muitos grupos, principalmente aqueles ligados mais intimamente à política. No caso de um movimento inspirado no fascismo, como a AIB, e posteriormente o PRP, não poderia ser diferente. O comunismo será seu grande rival, aquele que o ajuda a criar e manter sua própria identidade como a negação deste. Ao contrapor-se ao comunismo, o integralismo afirma sua posição no cenário político nacional enquanto representante da extrema-direita. Não é pouco importante esse aspecto, que às vezes tem mesmo um verniz psicológico: afirmar que é inimigo de alguém mostra quem é aquele grupo, e isso não será descartado por Plínio Salgado. Ao “separar o diferente”, o grupo vai dando ordem à sua memória e identidade, através das categorizações que promove é que pode reconhecer aqueles que fazem parte da mesma identidade ideológica. Ao definir aqueles que são “de dentro” em contraposição aos “de fora”, a identidade pode exigir do grupo valores e atitudes que tenham filiação com o que se constrói com um ideal.



Catroga (2001), nesse sentido vai além das questões da memória como *lembrança*, levanta a hipótese de uma luta constante dessas lideranças contra a finitude de sua existência e do próprio grupo, com um fundo metafísico de perpetuar sua identidade. Dessa forma, concluímos que o movimento psíquico do esquecimento desenvolve relações tão importantes que as memórias, que ao escolher o que será contado, qualquer pessoa, mesmo que fale em nome de um grupo selecionará os fatos que interessam a si mesma, e dependendo da autoridade que possuir dentro do grupo está terá maior ou menor validade. O que não significa que não haja modificações e reconstruções de memórias pelos membros do grupo com menor poder de fala, mas apenas que quanto maior a posição de destaque e de poder, as chances de fortalecer sua versão aumentam. Passada essa breve discussão sobre a memória e a identidade, partamos para a análise dos discursos de Plínio Salgado.

II.

Plínio Salgado inaugura sua legislatura como deputado federal em 1959 após a eleição do ano anterior onde sagra-se deputado federal pelo estado do Paraná. Sua legenda foi o partido por ele fundado, o PRP. A ideia de uma candidatura à Câmara Federal nasce com a intenção de aumentar o prestígio e o número de deputados do PRP no Parlamento, já que na legislatura anterior havia alcançado apenas nove cadeiras. A projeção da direção do partido era de chegar às trinta vagas, o que demonstraria ser uma árdua tarefa. O plano do diretório nacional era de com a presença de Salgado no Parlamento, o PRP tivesse sua atuação alavancada, e para isso foi formada a chamada *Bancada Plínio Salgado*, na qual o antigo líder integralista deveria funcionar como um “puxador de votos” e divulgador do trabalho do partido. O plano da *Bancada Plínio Salgado* termina com apenas seis deputados federais eleitos, bem distante da meta inicial estabelecida.

Já durante a primeira fala da tribuna da Câmara Federal, Plínio Salgado se envolveu em uma polêmica justamente sobre a memória que desejava construir sobre a extinta Ação Integralista Brasileira. Salgado, referindo-se ao golpe de Estado perpetrado por Vargas em 1937, disse que nunca apoiou a solução autoritária apontada pelo então presidente, o que gera acalorada discussão com parlamentares que lhe faziam oposição. Ao dizer que nunca compactuou com Vargas na montagem de seu golpe, Salgado tenta



se afastar da herança autoritária do Estado Novo, que num momento no qual a democracia era exercida no país, podia lhe render problemas. Assim, mesmo que o falso plano de dominação comunista – Plano Cohen – que serviu de pretexto para a tomada de poder por Vargas tenha sido criado por membros da AIB, Salgado constrói um relato no qual se esquivava dessa problemática (SALGADO, 1982). Ou seja, as memórias negativas são olvidadas nesse exercício de recriação dos fatos, tanto em nível de política doméstica, quanto de política internacional, quando Salgado relata que sempre foi um dos grandes adversários de Hitler durante sua estada no poder, mesmo que em depoimentos da década de 1930 suas posições não fossem tão contundentes assim, chegando a elogiar o líder alemão. Nesse sentido, como já ilustramos anteriormente, não se trata de descobrir se Salgado estava “mentindo” ou se contradizendo, e sim nos interessa captar qual o tipo de memória o líder do PRP tentava construir para sua história e para seu grupo.

Ainda que diante das acusações de outros parlamentares, de que seu movimento era uma cópia dos partidos fascista e nazista, especialmente na polêmica com o deputado Breno da Silveira, Salgado não abandona sua posição de reter elementos que contribuíssem para a construção de uma memória democrática para o integralismo. Lembra artigos em que criticou o Hitler e acusa seus opositores de não terem lido seus setenta livros, o que os desqualificaria para uma crítica embasada. Assim, observamos empiricamente que se processa um movimento muito semelhante ao que Candau (2014) e Catroga (2001) teorizaram. O apagamento da memória autoritária, golpista, antidemocrática e fascista vai sendo feito pela liderança do movimento, o que se projeta em dois sentidos: afastar da opinião pública a pecha de fascista e dar coesão a esse partido que debutava na vida política nacional.

Além de um apagamento de parte da memória autoritária do grupo, coube a Plínio Salgado perpetuar a memória dos mártires integralistas, assim como já era feito durante o período de vigência legal da extinta AIB. “Sofri, na carne, mais do que V. Exa. Meus companheiros foram os únicos que derramaram sangue para restaurar a Carta democrática de 34 (SALGADO, 1982; p.80)”. Ao forjar um repertório de lembranças “quentes”, Salgado ratifica a ideia de Catroga (2001) de que a formação da identidade de um grupo é relacional, ou seja, reflete as diferentes movimentações desse grupo com



outros atores sociais, nesse caso específico com o autoritário governo Vargas durante o Estado Novo. Este grupo precisa de informações e personagens que reforcem o amálgama de coesão em torno de um projeto político, e para isso recorre a um passado mítico. Pouco importa se realmente apoiaram o retorno da democracia durante o Estado Novo ou ainda na preparação do golpe, o que importa para o grupo *nesse momento* é construir uma memória que seja confortável para aqueles tempos. Assim como na construção individual, onde lembranças insuportáveis são recalçadas, na identidade do grupo o fenômeno se repete.

Tanto é assim que no momento em que é colocado frente a frente com um tema tão delicado quanto o antissemitismo, Plínio Salgado responde o ataque do deputado Carlos Lacerda com um lacônico “Jamais (SALGADO, 1982; p.84)”. Com sua retórica inflamada, Lacerda havia acusado Salgado: “V. Exa. É responsável pelo advento do antissemitismo, isto é, da luta racial em nosso país (SALGADO, 1982; p.84)”. Salgado não faz mais do que dizer essa única palavra, tangenciando a discussão para sua não participação no golpe de Estado de 1937. Durante toda sua atuação à frente da AIB, Salgado conviveu com o antissemitismo característico de seu grupo, alimentado fortemente pelas obras com esta conotação de Gustavo Barroso, mas além disso, com sua própria contribuição para a intolerância. Ao atacar nos seus discursos os judeus, Salgado reforçava estereótipos como o “judeu explorador”, ou reafirmava supostas ligações intrínsecas entre o judaísmo e o fracasso econômico brasileiro. Apesar da tentativa de apagamento – até mesmo físico, com a adulteração de obras reeditadas – dessa memória antissemita, outras fontes indicam sua proximidade com essa questão, como quando do velório de um integralista morto em uma das inúmeras brigas em que se envolviam: “[fazer] guerra atroz contra o judaísmo, o qual visa apresentar contra o verdadeiro Cristo, o anticristo de fins criminosos (O JORNAL, 10/10/1934)”.

A aproximação de seu movimento com os ideias nazista e fascista é sinônimo de revolta para o orador quando lembrado pelos parlamentares durante seu discurso, Salgado se mostra tão preocupado em construir uma memória positiva quanto apagar aquelas que possam incomodar seu projeto político. Vejamos um exemplo: “Levantei-me por Cristo e pela Nação, ao passo que o nazismo hitlerista procedia em linha reta de Hartmann, de Spinoza, de Frederico Nietzsche e, de certa forma, do transformismo de



Darwin e do pensamento do materialismo inglês (SALGADO, 1982; p.86)”. Ao tentar desassociar-se do nazismo, Salgado dá mostras de que tipo de memória desejava construir para seu movimento.

Seu primeiro discurso, que tratou de refazer um histórico da atuação da AIB foi repleto de interrupções e críticas, seus adversários o atacaram lembrando momentos que Salgado tentava manter fora do espaço público:

Breno da Silveira (PSB-DF): “A opinião pública ainda guarda bem vivas as impressões que tivemos quando do torpedeamento dos nossos navios. (...) O putsch integralista em que se tentou matar Getúlio Vargas foi de inspiração de V. Exa”.

Hamilton Nogueira (UDN-DF)105: “V. Exa. ajudou o golpe de 37. Foi a Ação Integralista Brasileira que fez com que se fechasse o Parlamento e se aniquilassem as liberdades públicas do Brasil. (...) Agora, V. Exa. quer negar aquilo que está escrito”.

Carlos Lacerda (UDN-DF): “V. Exa. trouxe ao Brasil os ecos da ascensão do nazi-fascismo no mundo, erro do qual até hoje também não se penitenciou”.

Mário Martins (UDN-DF): “E a documentação do Rio Grande do Sul com relação à convivência entre nazistas e integralistas? (...) V. Exa. pregava o extermínio de todos aqueles que não se filiassem à Ação Integralista”.

Luis Viana (UDN-BA): Tem se a impressão de que o nobre orador fala para um país sem memória. Estamos lembrados das ligações do integralismo com a Alemanha nazista. Todo mundo sabe. É um escárnio à Nação, é um escárnio à democracia o que V. Exa. está dizendo”.

Bocaiúva Cunha (PTB-RJ): Tenho em V. Exa. o símbolo do fascismo em nosso país.

Elói Dutra (PTB-DF): V. Exa. imitava o nazi-fascismo em tudo: nas vestimentas, nos símbolos, até nas ameaças, quando prometia, no Teatro João Caetano, que cabeças rolariam se o povo não seguisse sua doutrina” (SALGADO, 1982; p.66-99).

Mesmo assim Salgado se defendia como podia, num esforço de reconstruir na opinião pública, e dentro das fileiras do PRP, um passado democrático e de respeito às divergências políticas: “para impedir a absorção dos teuto-brasileiros e a formação de um quisto perigoso dentro de nossa Pátria (...). Lancei como antídoto... (SALGADO, 1982; p.86)”. A tentativa de Salgado é de reconstruir as ideias do movimento como um



sacrifício em prol do Brasil que se achava sob o ataque das doutrinas “alienígenas”, tanto do comunismo, quanto do fascismo. Sua retórica é dominada pela constante tentativa de se afastar do golpe de Estado de 1937 e do fascismo. O *putsch* integralista de 1938 também é tratado com delicadeza por Plínio Salgado, onde acusa Belmiro Valverde de desvirtuar suas ordens e promover ataques ao governo de Vargas. Pelo menos nesse primeiro discurso Salgado teve pouco tempo para construir um relato memorialístico positivo, no mais das vezes se limitando à defesa da AIB e da tentativa de apagamento da memória autoritária do movimento.

Apenas alguns meses depois, em julho de 1959, Salgado relembra em seu discurso os “mortos da Revolução de 1938”, uma referência ao *putsch* integralista contra o governo Vargas, que resultou na tentativa de tomada do poder por alguns membros da extinta AIB, que teve como saldo uma derrota fragorosa para o movimento, além de alguns mortos. Relatos da época indicam que Vargas saiu pessoalmente mais fortalecido da situação, pois juntamente com sua filha e alguns poucos seguranças detiveram o ataque integralista ao Palácio Guanabara, e ainda serviu o golpe de justificativa para novas medidas repressivas por parte do governo. Entretanto, volvemos nossa atenção para o discurso de Salgado.

“Refiro-me ao Movimento Integralista, movimento que desfraldou a bandeira nacionalista, combatendo o capitalismo internacional e o comunismo russo, ambos com tendência imperialista de dominação de nossa pátria. (...) Fomos os primeiros a desfraldar a bandeira da sindicalização das massas proletárias. Lutamos pelos operários, pela sua organização, clamamos por uma representação legítima dos ciclos de produção nacional, das categorias econômicas, morais e culturais da Nação. (...) E, neste momento, não posso deixar de render homenagem aos mártires – e contamos com trinta e tantos deles – que foram assassinados e derramaram seu sangue para a implantação das ideias democráticas e de uma democracia verdadeiramente representativa dos anseios da Nação, à procura, também, como todos os outros movimentos, daquele equilíbrio tão desejado desde a proclamação da República no nosso país. (...) os únicos brasileiros que, no período da ditadura, derramaram seu sangue para a restauração da Carta Constitucional de 34 (...) (SALGADO, 1982; P.456)”.

Este trecho é rico em referências à memória integralista, quando chama para si a responsabilidade de ter sido um movimento de luta contra o “capitalismo internacional” e o comunismo. Nesse caso, Salgado omitiu a relação que sempre fez entre esse “capitalismo internacional” e a religião judaica. No contexto democrático do pós-1945



não havia a menor intenção de se aproximar de seu passado antissemita, assim como seria proveitoso tentar colar sua imagem a de protetor das massas trabalhadoras, num momento em que contar com esses votos seria fundamental. Ou seja, Salgado visa construir a imagem de um integralismo que lutava pelos mais pobres contra os abusos dos capitalistas e contra o aliciamento dos comunistas.

E como não poderia deixar de existir na construção da memória de um grupo político, temos a presença dos mártires. Os mártires são fundamentais para a união e coesão dos grupos, pois remetem a um passado glorioso onde aqueles que os antecederam deram a vida pela defesa de uma ideia, onde ao mesmo tempo que responsabiliza os contemporâneos a seguir o exemplo dos mártires, Salgado dá uma ideia de eternidade do movimento, pois agora não são apenas homens fazendo parte do grupo, mas também os mortos com quem se tem uma dívida quase parental (CATROGA, 2001).

Outra questão interessante diz respeito ao *putsch* de 1938. Apesar de defender-se na época do ocorrido, dizendo não ter conhecimento da organização da tentativa de golpe contra Getúlio Vargas, Salgado traz para si a memória de que seu movimento lutou contra a ditadura do Estado Novo. Quando do ocorrido, acusou Belmiro Valverde de organizar a revolta armada, mas não se esquivou de utilizar-se desta memória da maneira que melhor lhe interessasse. Assim, constatamos que os fatos propriamente ditos têm uma relevância diminuída em casos como esse, onde a coesão do grupo através da memória está em primeiro plano. A reivindicação do caráter democrático do movimento, além dos mártires, está acima dos testemunhos da época. Bertonha (2014) já havia indicado essa direção na construção da memória do integralismo, uma manipulação de alguns elementos fatuais para forjar um sentimento de que os integralistas foram incompreendidos em sua época, e que seria necessário um ajuste de contas com o passado para reparar alguns erros de interpretação de seus adversários e mesmo da população em geral.

O assunto do antissemitismo seguirá sendo problemático para o parlamentar. Podemos observar isso quando da homenagem que Plínio Salgado promove para Gustavo Barroso no dia seguinte ao seu falecimento, em dezembro de 1959. Gustavo Barroso foi reconhecidamente um dos maiores representantes do antissemitismo brasileiro, sendo responsável pela tradução de inúmeras obras de caráter discriminatório



contra este grupo religioso, entre elas o famoso livro *Os protocolos dos sábios do Sião*, além da produção de obras próprias, como *Roosevelt, é judeu*, e a mais famosa, *Brasil, colônia de banqueiros*. Essas obras o consagraram internacionalmente como um autêntico representante da perseguição aos judeus, tendo livros traduzidos e publicados em outros países da América Latina (CARNEIRO, 2001).

A homenagem prestada trata rapidamente da trajetória de Barroso, de como o conheceu Plínio Salgado e da apresentação de algumas obras do autor. O livro *Roosevelt, é judeu* não é citado entre aqueles que o orador apresenta como grandes obras do falecido, na verdade, não há qualquer referência. Já *Brasil, colônia de banqueiros* tem um tratamento diferenciado em seu discurso, sendo considerado “o maior livro de Gustavo Barroso, (...) o que causou maior sensação na juventude e no povo, e até hoje serve de inspiração, roteiro e guia (...) (SALGADO, 1982; p. 725)”. Segundo Salgado o livro deveria ser lido por todos aqueles que pensam em seguir no Brasil um movimento de viés nacionalista:

“o livro de Gustavo Barroso é a bandeira que todos deveriam desfraldar porque foi a primeira que se ergueu no Brasil, nestes últimos tempos, a despertar a consciência nacional para a luta dos interesses econômicos da nação contra as organizações internacionais que nos tem escravizado e pretendem permanentemente escravizar-nos (SALGADO, 1982; p. 725)”.

Barroso, nesta obra, empreende uma investigação acerca dos empréstimos internacionais que o Brasil vinha efetuando, supostamente desde a sua independência, em 1822. Segundo a visão do autor, os judeus estariam manipulando a economia brasileira de modo a manter o país para sempre no subdesenvolvimento, tendo sido esta pesquisa elogiada dentro da Alemanha nazista por um de seus ideólogos, Julio Streicher. Entretanto, toda essa problemática foi omitida por Salgado, este retrata o livro apenas como uma defesa frente aos ataques do capitalismo internacional, deixando de lado a associação feita por Barroso entre este e o judaísmo. Candau (2014), ao tratar dos esquecimentos na formação da identidade já detectara esse comportamento: as “demandas do futuro” é que regularão o quadro da “amnésia” coletiva, afinal a simples *recordação* do fato não reconstrói a memória, isso se dá a partir da construção da *narração*. Nesse caso, a retórica antissemítica de Barroso e Salgado na década de 1930 funcionam como a *recordação*, e o discurso do deputado federal funciona como a



narração, não tendo necessariamente uma relação próxima do fato, mas de qualquer forma atendendo as demandas do futuro. Nesse caso, a “amnésia” de Salgado se explica pela necessidade de se desvencilhar do passado antissemita e reconstruir a memória de seu grupo através de uma perspectiva de nacionalismo tolerante que se voltava apenas contra o capitalismo internacional, em defesa dos trabalhadores brasileiros, não abrindo espaço para a discussão sobre a perseguição empreendida aos judeus, chegando ao ponto de organizar um serviço secreto de espionagem contra famílias judias de sucesso no Brasil, como a família Klabin (CARNEIRO, 2001).

Ao completar 30 anos da fundação da AIB, Plínio Salgado rendeu uma homenagem à organização que chefiou por toda a sua trajetória legal, até 1938. Mais do que uma simples homenagem, Salgado refaz os passos do partido, elencando seus princípios – ou pelo menos aqueles, que era interessante lembrar – para os presentes na Câmara Federal. Consideramos este documento precioso por tratar de uma releitura do movimento três décadas depois, ainda em plena atividade política do líder integralista, ou seja, naquele momento a preservação de uma memória que interessasse ao grupo do PRP era fundamental. Se um relato de rememoração já seria interessante por si só, num momento em que havia tão forte disputa ao redor da memória integralista – tanto por partidários, como por seus atacantes – isso se torna precioso.

Salgado fez questão de reforçar o caráter cristão do seu movimento, a partir da “crença firme na existência de Deus”, ao mesmo tempo que valorizava a experiência e a vivência do homem, enquanto imagem e semelhança do Criador, na modificação da natureza, ou seja, sua perspectiva se apresentava como religiosa, mas antropocêntrica, colocando o homem como o responsável pelas melhorias que a sociedade necessitava. Indicou que o movimento por ele criado não acreditava que a racionalidade humana era fruto da seleção natural ao estilo darwinista, mas sim como resultado da vontade criadora da “Inteligência Ordenadora”, assim Salgado dava mostras de não ter abandonado sua visão de mundo extremamente religiosa e conservadora, chegando ao ponto de negar progressos científicos razoáveis como a teoria evolucionista. Ao relembrar o Manifesto Integralista de 1932 reclama o pioneirismo na valorização da individualidade frente à crescente absorção do homem pelo Estado, no caso, acusando a crescente aumento da influência dos chamados “Estados Totalitários”, embora não especifique a interpretação teórica que dava a esses países. Salgado não comenta como



funcionariam essas tais sociedades que se tornavam automatizadas, apenas serve-se de um conceito problemático como o totalitarismo para acusar principalmente a Alemanha e a URSS.

Além disso, nesse exercício de rememoração defende a importância do trabalho para o desenvolvimento humano e social e argumenta que o integralismo foi um movimento que prezou pela regulamentação do trabalho e levava instrução e conhecimento para os trabalhadores mais pobres que tivessem a intenção de comprar seu imóvel próprio, colocando mais uma vez o movimento como um amigo dos trabalhadores. Logicamente essa argumentação ficaria reforçada quando comparada aos ataques que fazia ao comunismo, onde dizia que este tinha a intenção de escravizar o trabalhador. Ou seja, a identidade construída é a do defensor dos mais fracos trabalhadores contra os ataques do “totalitarismo russo”. Contra essas investidas Salgado sentia a necessidade de criar e manter um movimento verdadeiramente nacionalista, como “pregado por Alberto Torres”, um nacionalismo sadio e “tradicionalista”. Tradicionalista no sentido de preservação do que haveria de “original” no Brasil, em detrimento do “cosmopolitismo” das nações estrangeiras. Assim, vai construindo seu relato reforçando ideias como a valorização do trabalhador, o anticomunismo, o respeito à democracia e o nacionalismo. Essas informações mostram que tipo de partido tentava construir na década 1960 com o PRP. Mais do que uma simples reafirmação daqueles princípios que Salgado achava valer a pena defender por parte do integralismo, esse era seu plano para o PRP. A perspectiva do uso do passado na mudança do futuro lhe era clara: valorizar o trabalhador (assim conquistando seu voto), atacar o comunismo (ganhando a simpatia do eleitorado conservador) e logicamente afastar-se da pecha de antidemocrático. Essas deveriam ser suas perspectivas de construção de uma identidade para o futuro. Os mártires, as bandeiras, os símbolos (o Sigma veio a ser substituído pelo sino), a retórica anticomunista, tudo isso fazia parte de um programa bem estruturado de reforço das lembranças agradáveis para realizar o projeto que se avizinhava: a conquista de mais votos para o PRP.

A ideia principal de Salgado se baseia na defesa de um projeto nacionalista que estivesse atento aos supostos ataques do comunismo internacional, tanto externa, quanto internamente, assim como não permitisse a espoliação do trabalhador brasileiro por parte do capitalismo internacional. Neste último aspecto, claramente sem a associação



que foi feita durante a década de 1930 com o judaísmo. Esse aspecto é significativo pois congrega ambas as hipóteses de Candau (2014), quando Salgado traz à tona a suposta histórica defesa dos interesses nacionais frente aos trustes e monopólios internacionais (memória positiva) ao mesmo tempo que esconde a relação que era feita desses com o judaísmo, o que engendrava uma postura antissemita (memória negativa). Tanto é assim que Salgado ainda critica os capitalistas internacionais “que sugam até hoje, como vampiros, o sangue de nossa pátria”, mas não tem mais a coragem e nem o interesse de repetir essas duras palavras em direção aos judeus (SALGADO, 1982; p. 465-8).

Como já dissemos anteriormente, a ideia de um movimento próximo do trabalhador, com preocupações sobre a sua saúde física e mental, além de sua instrução é a construção que Salgado tenta fazer sobre o integralismo. Esse tom permanece nesse discurso comemorativo, com a lembrança de que a AIB havia organizado centenas de escolas de alfabetização e creches pelo país. O orador traz para si o ineditismo dessa campanha, que segundo ele, só viria a empolgar o Brasil como um todo, trinta anos depois. Outro legado defendido por Salgado nesse discurso é a da participação dos funcionários no lucro das empresas, embora não defina onde nem quando essa defesa foi feita. Assim as memórias positivas vão sendo lembradas e *reconstruídas*. A luta contra o comunismo, a defesa dos trabalhadores frente ao capital, o nacionalismo... Essas são as características que Salgado gostaria que fossem preservadas pela História.

Já depois do golpe civil-militar de 1964, Salgado só amplia memória anticomunista, quando da indicação do PRP pela eleição Castello Branco para a presidência da república. Ao saudar os militares que chegavam ao poder, o PRP continuava inserido no espectro da direita, agora sob os auspícios da ditadura e se mantendo próximo da ideologia construída pelo militares em parceria com os EUA de que o Brasil se aproximava perigosamente de uma revolução comunista. Nesse contexto era fundamental que o PRP se mostrasse na vanguarda da luta, sendo a “primeira agremiação (...) que alertou contra esse perigo (SALGADO, 1982; p. 257)”. A sobrevivência do partido dependia diretamente do quanto houvesse de coesão na construção da memória do discurso anticomunista, pois “de olho no futuro”, Salgado sabia que uma bela oportunidade de crescimento se aproximava.

Esse movimento de mudanças, reconstruções e apagamentos pode ser observado com clareza ao analisarmos detidamente o depoimento de Salgado quando da



homenagem a San Thiago Dantas. O leitor pôde observar como há algumas páginas atrás, mais exatamente num discurso em 1959, Plínio Salgado negou sua presença no *putsch* contra Vargas em 1938. Entretanto, em 1964, durante o desmonte da herança varguista, o mesmo parece ter mudado de ideia, ou lembrou-se de detalhes até então ignorados. Tudo indica que a presença dos militares serviu para Salgado assumir o discurso de opositor armado de Vargas, já que a partir de abril de 1964 a direita se sentia mais à vontade para relembrar sua memória, e o que poderia em 1959 ser uma lembrança negativa, passa a ato de heroísmo cinco anos depois.

“Em 1938, articulou-se um movimento revolucionário no Brasil, para restaurar a Carta Constitucional de 1934. Faziam parte desse movimento Otávio Mangabeira, Flores da Cunha, Armando de Sales Oliveira, Eduardo Gomes, hoje marechal-do-ar, general Castro Júnior, general Euclides Figueiredo e numerosas outras patentes da marinha e do exército e homens públicos eminentes, que não eram integralistas. (...)

Em seguida, recrudescida a grande perseguição, organizou-se de novo, um movimento no país. Fui escalado para São Paulo; Mangabeira, para a Bahia; Flores da Cunha, para o Rio Grande do Sul; o general Lúcio Esteves, para Minas; o general Guedes da Fontoura, para o Paraná. E fomos tomar nossos postos. Nessa ocasião separou-se de nós San Thiago Dantas, que ficou no Rio. Os acontecimentos ulteriores são de conhecimento de todos os brasileiros (SALGADO, 1982; p. 760)”.

É possível perceber a mudança de posição de Plínio Salgado. Enquanto no Brasil reinava um regime minimamente democrático, o líder integralista não assumiu na tribuna a participação no movimento armado contra Vargas. Entretanto, ao ser instalada uma ditadura, esse não titubeou em assumir a chefia de um movimento que atentou contra a vida do antigo chefe de Estado. Ou seja, o contexto de cada época indica quais serão as memórias consideradas negativas (esquecidas) e aquelas que são positivas (relembradas). Assim, confirma-se a hipótese de Candau (2014), de que na maioria dos casos, o fato importa menos do que a construção identitária quando o assunto é memória. Explorar a memória contrária a Vargas era mais interessante naquele momento do que havia sido em 1959.

Mas foi na sua despedida da vida parlamentar, em 1974, que Salgado fez um balanço mais conciso do que, para ele, havia sido a AIB. Colocou seu movimento como sendo o defensor do Brasil contra três perigos: o nazismo, o comunismo e o capitalismo



internacional. Alegou ter sido atacado pela Alemanha por “caboclar” os teuto-brasileiros no Sul do Brasil, pela URSS por alertar contra o perigo da revolução e até pelo presidente Roosevelt que tratara com Vargas um golpe contra seu movimento. Dessa forma, Salgado se despede da vida parlamentar fazendo um exercício memorialístico de lutas, sangue derramado e muitas vezes, incompreensão. Salgado já havia se filiado à ARENA, a ditadura estava em seu auge, e ao menos do ponto de vista doutrinário, o integralismo parecia ter vencido: a direita chegara ao poder e aniquilara seus adversários como Salgado havia prometido fazer.

Conclusão.

Plínio Salgado utilizou a tribuna da Câmara dos Deputados para defender uma memória positiva do movimento que chefiou durante boa parte da década de 1930. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as ideias autoritárias pareciam relegadas a um ostracismo eterno. Nesse sentido, defender o movimento integralista como uma agremiação que lutava pela democracia era fundamental, e foi o que Plínio Salgado fez. De acordo com cada situação, o ex-chefe integralista modificou seu discurso para estar mais adequado às necessidades e expectativas do presente e do futuro.

A memória construída por ele, numa tentativa de dar coesão ao seu discurso e suas práticas dentro do PRP, era de um movimento nacionalista, defensor dos trabalhadores e anticomunista. Por outro lado, a memória de que se desfez dizia respeito ao antissemitismo, ao autoritarismo e ao filofascismo. Para nós, houve a corroboração da hipótese de Candau (2014) de uma seleção das memórias positivas e negativas para a construção de uma identidade associada à presença dos mártires, à coesão do movimento e a sua imortalidade. Assim, a construção de uma identidade passa muito mais pela necessidade do presente e a expectativa do futuro, do que pela experiência do passado.

Referência bibliográficas.

BERTONHA, João Fábio. *Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: Eduem, 2014.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro - O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2005.



CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto editora, 2001.

SALGADO, Plínio. *Perfis parlamentares 18: Plínio Salgado*. Brasília: Câmara dos deputados, 1982.